

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O Trilho do Gato – William A. Wellman / Viagem ao Fim do Mundo
22 de Novembro de 2025

Wings / 1927
Asas

um filme de **William A. Wellman**

Realização: William A. Wellman *Argumento:* Hope Loring, Louis D. Leighton *História original, dramatização, Conselheiro Técnico:* John Monk Saunders *Intertítulos:* Julian Johnson *Fotografia* (35 mm, com tintagens, 1:1,33): Harry Perry *Efeitos:* Roy Pommeroy *Montagem:* Lucien K. Hubbard *Supervisão de montagem:* E. Lloyd Sheldon *Direcção Artística:* Laurence Hitt, Hans Dreier *Assistentes de realização:* Richard Johnson, Norman Z. McLeod, Charles Barton *Supervisão das sequências aéreas:* Sterling C. Campbell, Ted Parson, Carl von Hartmann, James A. Healy, Tenente-Comandante Harry Reynolds, Capitão Bill Taylor *Fotografia adicional:* E. Burton Steene, William H. Clothier, Cliff Blackston, Russell Harlan, Bert Baldrige, Frank Cotner, Faxon M. Dean, Ray Olsen, Herman Schoop, L. Guy Wilky, Al Williams, Paul Perry, L. B. Abbott *Fotografia aérea:* Faxon M. Dean, William H. Clothier, Ernest Laszlo, Herman Schoop, Russell Harlan, Cliff Blackston, Bert Baldrige, Frank Cotner, L. Guy Wilky, Gene O'Donnell, Paul Perry, Art Lane, Harry Mason, Ray Olsen, Al Meyers, Guy Bennett *Efeitos fotográficos:* Paul Perry, L. B. Abbott *Guarda-roupa:* Travis Banton, Edith Head *Caracterização:* James Collins *Duplos pilotos:* Dick Grace, Frank Clarke, Frank Tomick, Rod Rogers, Paul Mantz, Frank Andrews, Hoyt Vandenberg, etc. *Supervisão das manobras militares:* Major A. M. Jones *Supervisão das operações em terra:* Capitão E. P. Ketchum *Supervisão ordenança militar:* Capitão Robert Mortimer *Oficial de comunicações:* Capitão Walter Ellis *Adereços:* Charles Barton *Fotografia de cena:* Otto Dyar *Banda sonora musical:* John S. Zamecnik *Canção:* “Wings”, de Zamecnik e Ballard MacDonald *Efeitos sonoros:* Movietone *Interpretação:* Clara Bow (Mary Preston), Charles “Buddy” Rogers (Jack Powell), Richard Arlen (David Armstrong), Jobyna Ralston (Sylvia Lewis), Gary Cooper (Cadete White), Arlette Marchal (Celeste), El Brendel (Herman Schwimpf), Gunboat Smith (o Sargento), Richard Tucker (Comandante), Roscoe Karns (Tenente Cameron), Julia Swayne Gordon (Sra. Armstrong), Henry B. Walthall (Sr. Armstrong), George Irving (Sr. Powell), Hedda Hopper (Sra. Powell), Nigel de Brulier (camponês), James Pearce (PM), Carl von Hartmann (oficial alemão), Frank Clarke (Otto Kellermann) Dick Grace, Rod Rogers, Tommy Carr, Sterling Campbell (aviadores), Charles Barton (ferido levado na ambulância), Margery Chapman Wellman (camponesa), Gloria Wellman (criança camponesa), John Monk Saunders (homem), William A. Wellman (soldado de infantaria moribundo no campo de batalha).

Produção: Paramount Famous-Lasky de Adolph Zukor e Jesse L. Lasky (EUA, 1927) *Produtor:* Lucien K. Hubbard *Produtor Associado:* B. P. Schulberg *Direcção de produção:* Frank Blount, Richard Johnston *Cópia:* DCP (restauro da Paramount 2012), preto-e-branco com tintagens, versão muda com intertítulos em inglês e legendada electronicamente em português *Duração:* 142 minutos (a 24 imagens por segundo) *Estreia:* 12 de Agosto de 1927, Nova Iorque, Criterion *Estreia da versão sonorizada Western Electric, com efeitos sonoros e banda musical síncrona (e um corte de quatro minutos de material com a Clara Bow repostado nas cópias restauradas):* 5 de Janeiro de 1929, Nova Iorque *Estreia em Portugal:* 3 de Dezembro de 1928, Lisboa, Tivoli *Primeira apresentação na Cinemateca:* 8 de Julho de 1989 (“O Cinema e a Guerra”).

Dois Prémios da Academia: (Primeiro) Melhor Filme do Ano e Melhores Efeitos Técnicos.

Nota: originalmente escrito em 1990 e revisto pelo autor pela última vez em 2008, quando acompanhou uma passagem do filme no contexto da retrospectiva “Clint Eastwood, um homem com passado”, o texto de Manuel Cintra Ferreira foi revisto e editado nesta ocasião.

a sessão tem um intervalo de 10 minutos (aos 66 minutos)
projectção acompanhada ao piano por Daniel Schvetz

Pode dizer-se que o primeiro grande filme de William (Wild Bill) Wellman é a obra definitiva sobre a Primeira Grande Guerra, e abre simultaneamente um novo género do cinema americano: o filme de aviação.

Vamos por partes. Referi-me a **Wings** como primeiro grande filme de Wellman, porque é também, da sua obra muda, um dos poucos até agora conhecidos, pelo menos entre nós. Já desde 1919 que ele trabalhava no cinema, primeiro como actor, tendo-se estreado ao lado de Douglas Fairbanks num filme dirigido por Victor Fleming, **The Knickerbocker Buckaroo**, a que se segue um filme de Raoul Walsh, **Evangeline**, dois dos vinte e cinco que fez nesta categoria. Em 1923, realiza o seu primeiro filme, **The Man Who Won**, interpretado pelo então popular

Dustin Farnum, a que se seguem mais dez antes de abrir as “asas” que adquirira na Lafayette Flying Corps onde combateu em França. (O seu último filme, rodado em 1958, seria uma homenagem aos aviadores de guerra, uma despedida admirável). Nem sempre muito feliz, Wellman não tinha ainda o seu nome bem assente entre a família dos realizadores. **Wings** torná-lo-ia, de um dia para o outro, internacionalmente famoso, contando-se como um dos melhores realizadores de filmes de acção (o futuro demonstrará que era muito mais do que isso, e dou apenas como exemplo duas obras geniais: **A Star is Born**, para o melodrama, e **Roxie Hart**, para a comédia).

Mas é nesta especialidade que o seu nome permanece ligado ao grupo dos “*tough guys with guts and a heart*”, como eu classificaria, se mo permitem, o grupo de pioneiros que inclui John Ford, Howard Hawks, Raoul Walsh e King Vidor.

Na altura da estreia, a *Variety* afirmava que a indústria do cinema americano apenas dera, até então, seis grandes espectáculos de “*vital and universal appeal*” e que estes eram **The Birth of a Nation** e **Way Down East**, de Griffith, **The Ten Commandments**, de DeMille, **The Covered Wagon**, de James Cruze, **The Big Parade**, de Vidor e **Ben-Hur**, de Fred Niblo. O comentarista acrescentava agora **Wings**. Mesmo cinquenta anos mais tarde, o crítico britânico Richard Combs afirmava que “*Despite the many treatments of the subjects since, the result has probably never been equalled* (o sublinhado é meu), not just for its detailed recreation of war in the air and its exploitation of the pictorial value of dogfighting aircraft”. Outros afirmaram que o júbilo e o arrepio que as sequências dos combates aéreos provocam só têm paralelo na famosa cena dos helicópteros de **Apocalypse Now**. Tudo isso é incontestável e mais ainda. Todo um ciclo do cinema americano nasceu destas **Wings**, e é duvidoso que tão cedo se tivessem visto filmes como **The Dawn Patrol**, **Hell’s Angels**, e mesmo **Air Mail** ou **Ceiling Zero**, para não falar de **Only Angels Have Wings**. Wellman afirma-se, deste modo, como o grande cineasta da aviação, ao lado de Hawks.

Wings nasceu duma ideia de John Monk Saunders, que fora piloto na Grande Guerra. Jesse Lasky, que estava à frente da Paramount deu luz verde ao projecto. Graças à imposição de B.P. Schulberg à cabeça da produção do filme, Wellman viu-se contratado para o dirigir, em parte devido à sua experiência como piloto, porque na qualidade de director Lasky considerava-o ainda verde. O filme iria ser rodado junto da escola de aviação militar de San Antonio, Texas, e teria a sua colaboração, bem como a de outros ramos do exército. Homens e aviões foram postos à sua disposição. Foram dezoito as máquinas de que se serviu para os combates aéreos, podendo destruí-las à vontade, o que fez duma forma de causar inveja a qualquer filme-catástrofe de hoje. Para além de contar com uma equipa de especialistas de primeira água (veja-se a ficha técnica e artística), grande parte deles com experiência da guerra, e com abundante material técnico (dezenas de câmaras foram utilizadas para a espectacular batalha de St. Mihiel, reconstituição daquela em que morreu o amigo de Wellman, Dave Putnam, captando toda a espécie de ângulos, em terra e no ar e de ambos os lados das forças em confronto). O resultado final seria, já o dissemos, um sucesso estrondoso, o maior da Paramount desde **The Covered Wagon**. Nesse ano de 1927 tem lugar a primeira entrega dos prémios da Academia de Artes e Ciências de Hollywood (que na altura ainda não tinham o nome que os popularizou: Oscar) e **Wings** arrebatou de imediato o do melhor filme do ano e melhores efeitos técnicos. O da realização, esse, iria para o soberbo trabalho de Frank Borzage, **The Seventh Heaven**.

Wings é alucinante de ritmo e vigor. Refiro-me, por exemplo, à sequência, de cortar a respiração, que tem lugar no Folies Bèrgere, onde um espantoso *travelling* sobre as mesas que termina num grande plano de Jack (Charles Rogers) embriagado, não fica nada a dever aos malabarismos técnicos da *steadycam* de hoje.

Wings começa de forma simbólica. Um jovem está deitado na relva, de costas para o espectador. Quando se vira, o seu olhar vai para o céu onde uma sombra entre nuvens materializa o seu sonho de ser aviador. As nuvens, aliás, de forma objectiva ou simbólica, pontuam constantemente o filme. Elas são, naturalmente, para o bem e para o mal, o complemento inevitável das “asas”. Será uma nuvem, esta negra, que daí a pouco surge como símbolo da guerra. De entre as nuvens surgirão os inimigos, e também os equívocos, os erros que levarão à morte de Dave alvejado por Jack. À introdução de Jack segue-se a de Clara, de forma tão sugestiva que nos faz lembrar do prazer que se manifesta no cinema de Wellman quando se trata de filmar a mulher. Um prazer sensual da mesma ordem

que é o de Walsh (e revemos, por exemplo, a Ginger Rogers de **Roxie Hart**, a Anne Baxter de **Yellow Sky** e a Lauren Bacall de **Blood Alley**). O rosto traquina de Clara Bow aparece-nos pela primeira vez por detrás das calcinhas penduradas no estendal. Sendo o ano em que fizera **It!**, o filme de Clarence Badger que a celebrou como a “It Girl”, o plano de Wellman parece divertir-se com o duplo sentido da expressão. *It* não lhe falta, como é bem evidente! Os dois restantes personagens, Sylvia e Dave, surgem-nos também nas nuvens, lado a lado no balço onde Jack os vem interromper. Viver nas nuvens poderia ser a legenda para este personagem. Vive na ilusão do amor de Sylvia que não tem coragem para lhe contar a verdade, não se apercebe dos sentimentos de Clara, nem a reconhece em Paris na referida cena do Folies, esquece a prudência em combate o que lhe vale ser conhecido como o louco da “Shooting Star”. Só cai das nuvens no fim quando se apercebe que abateu o seu melhor amigo. Destino trágico que coloca o filme de Wellman numa perspectiva do absurdo da existência, daquelas tragédias gregas em que o destino, ou os deuses, se comprazem em troçar dos mortais.

Abatido por um alemão, sobrevivendo à queda, escapando à perseguição que lhe é movida, entrando num campo de aviação alemão e fugindo com um dos seus aparelhos, para acabar sob a mira das metralhadoras do seu melhor amigo. Esse destino trocista já fizera a sua aparição na sequência das mascotes, com o encontro de Jack e Dave com White (uma breve e portentosa aparição de Gary Cooper que lhe valeu um contrato de sete anos para a Paramount). White diz porque não usa nenhuma: “*When your time comes, you’re going to get it*”, e logo a seguir o seu aparelho despenha-se.

Wings está dividido claramente em duas partes que seguem a mesma linha dramática. Na primeira temos a apresentação dos personagens, a sequência clássica dos treinos com os habituais *gags*, segue-se a primeira escaramuça em que Jack é atingido sendo salvo pelos ingleses quando aterriza, e culmina numa prodigiosa batalha aérea contra o avião gigante. O nome dos heróis, David e Jack adquirem aqui um sentido peculiar num duelo em que os adversários se assemelham a Goliás ou ao Beanstalk.

A segunda parte retoma a mesma progressão dramática, começando na fabulosa sequência do Folies introduzida por um plano de duas saias (um escocês e uma francesa), seguido do referido *travelling* em direcção a Jack que vai ser o centro duma sequência delirante: Jack embriagado vê sair borbulhas de champanhe de todos os lados e será assim que acabará por escolher Clara (sem a reconhecer): os seus olhos deitam também borbulhas.

A segunda parte culmina na mais fabulosa batalha aérea da história do cinema, numa conjugação terra-ar, onde Wellman aparece na figura do soldado moribundo à beira da estrada (insólita escolha para um aviador!). O final compõe-se de uma série de imagens simbólicas, mas a brevidade e simplicidade dos planos evita qualquer redundância: os pés de Dave pisando a “cruz de ferro” alemã, o gesto de Dave movendo os dedos como uma hélice ao morrer, a hélice do avião que pára tendo, em fundo, o cemitério francês cheio de cruces. Aqui vamos encontrar na figura do camponês que conduz o carro que leva o corpo, a figura de Nigel De Brulier, o dementado profeta de **The Four Horsemen of the Apocalypse**, de Rex Ingram, para além da então mulher de Wellman (Margery Chapin) e a filha adoptiva, Gloria, nas figuras da camponesa e a filha.

Epopéia dos ares, **Wings** é um filme de amor de Wellman pela aviação. Amor que o acompanhou até ao fim. O seu último filme seria **Lafayette Escadrille**, um regresso às origens, como o foi a sua morte em 1975: depois de incinerado, as suas cinzas foram lançadas de avião sobre o solo americano. *Gone with the wind*.

Manuel Cintra Ferreira